

ENTREVISTA A RAUL TEIXEIRA

29 de Novembro de 2008 – 15h30m

Pavilhão Arena (Portimão – Algarve)

Blog de Espiritismo: Segundo a nossa pesquisa, o Raul conheceu a Doutrina Espírita muito cedo, aos 16 anos. Em que circunstâncias?

Raul Teixeira: Travei contacto com o Espiritismo aos 17 anos, em busca de respostas para os fenómenos que eu vivia desde a minha infância. Desde a mais tenra infância, até onde a minha memória alcança, eu convivi com a minha mãe, que era médium, com as minhas irmãs que eram médiuns e, certamente, dentro da minha casa, eu visualizava os seres espirituais com quem a minha mãe e as minhas irmãs travavam contacto. E eu não tinha medo. Nada daquilo me assustava, eu via com relativa naturalidade. À medida que fui crescendo, tudo isso se transformou, porque a minha mãe desencarnou. Eu fiquei órfão muito pequeno, aos quatro anos de idade. E o meu contacto com a Igreja Católica foi me fazendo temer aquilo que eu via, porque o sacerdote que me orientava dizia que eram coisas satânicas, que o que eu estava a ver era obra do Demónio e, na minha mentalidade de garoto, naturalmente ficava muito amedrontado por me estar a relacionar com o Demónio. Isso perdurou até aos meus 15 anos, quando o sacerdote propôs que eu lesse a Bíblia, para que encontrasse a resposta para afugentar o Demónio que eu via. E, desse período até aos 17 anos, eu li e reli a Bíblia quatro vezes, de ponta a cabeça, de trás para a frente, da frente para trás, na tentativa de expulsar o Demónio que me atucanava, que me perturbava... Mas quanto mais a Bíblia eu lia, mais demónios eu via. Então, alguma coisa estava errada: ou comigo ou com a Bíblia. Até que um amigo da minha infância, com quem eu conversei, narrando a respeito do que se passava comigo, me disse que frequentava uma casa espírita, um grupo de jovens, e perguntou se eu não gostaria de ir lá, porque no Grupo de Mocidade Espírita eles chamavam tudo aquilo de que eu falava de *mediunidade* e que não havia nada do Demónio. Depois de muita relutância, aceitei conhecer o Centro Espírita e, ao chegar à Mocidade Espírita, fui tomado por uma viva e saborosa emoção, porque encontrei jovens da minha faixa etária, alegres, muito joviais, que conheciam uma questão que eu desconhecia até então.

Eu não sabia que havia no mundo Espiritismo. Passei a conhecer o Espiritismo dali e nunca mais me afastei do Espiritismo... e isso já há 41 anos.

B.E.: Há quarenta e um anos, foi há muito tempo atrás... senti que houvesse problemas em se assumir como espírita naquela altura perante o resto da família, os seus outros amigos que também não tinham contacto com o Espiritismo, com o padre que o aconselhara a ler a Bíblia...?

R.T.: Em relação ao padre, eu não sei porque eu nunca mais retornei à Igreja. O Espiritismo preencheu-me de tal modo que eu não senti mais necessidade de voltar à Igreja, nada obstante eu agradeça muito do que eu aprendi ao trabalho que fiz na Igreja, uma vez que dirigi o Grupo da Cruzada Eucarística (são grupos conhecidos no Brasil, ligados à Igreja, é um trabalho de jovens... da minha época).

Na minha família nunca houve problemas, porque eu sempre me disse espírita e todos achavam interessante eu ser espírita, verificando que desde muito cedo eu sempre tive índole para a religião. E agora que eu me tornara espírita eles não estranhavam nada, porque não viam nada de diferente no que eu ia fazer. Eles não entendiam as reentrâncias do Espiritismo, as diferenças existentes, e isso não me causou nenhum problema e não me causa até hoje.

Em nenhuma parte de minha vida, nem na universidade, nem na minha vida social, jamais o facto de ser espírita me causou qualquer problema. Nunca ninguém verbalizou para mim que o facto de eu ser espírita causava problemas. Pelo contrário. Muita gente que era atea e materialista, como colegas meus da universidade, hoje são espíritas. E aqueles que não são espíritas são muito afeiçoados ao espiritismo, graças à convivência que com ele passaram a ter, através de mim.

B.E.: Tendo em conta a experiência adquirida durante a sua formação académica e as oportunidades de interacção com personalidades das comunidades científica e educativa, como explica a resistência ao estudo dos fenómenos referidos na Doutrina Espírita e a desconfiança votada aos estudos já realizados que acabam por ser marginalizados?

R.T.: Eu vejo tudo isso como um fenómeno eminentemente natural da criatura humana, porque os próprios espíritas não se ajustam ao Espiritismo, não aceitam o Espiritismo como verdade vivencial. Aceitam-no como verdade teórica

Nós vemos os espíritas falar do Espiritismo engalfinhando-se, falando mal uns dos outros... Como é que eu vou querer que a Academia acate o Espiritismo que os espíritas não acatam?

B.E.: Tem a ver com credibilidade que nós mesmos...

R.T.: ... nós mesmos deixámos de dar. O grande móbil da crença académica no Espiritismo é a vida de quem é espírita. E eles não vêem em nossa vida nada que lhes chame a atenção. Não fazemos nada de diferente do que fazem os outros irmãos de outras denominações religiosas.

Vivemos batendo-nos, disputando cargos, posições... Então, somos mais um grupo religioso que eles vêm no mundo e que não interessa à Academia. Os poucos indivíduos espíritas que têm aparecido com um arrazoado cabível, lógico e com uma vida consentânea com esses arrazoados não têm acesso à Academia.

B.E.: Então será a mesma explicação que vai justificar o facto de nos programas de Filosofia não se contemplarem filósofos ou, pelo menos, a filosofia espírita, quando os próprios programas permitem a abordagem do estudo de vários outros filósofos? A Doutrina Espírita encontra-se excluída dos programas académicos...

R.T.: Eu acredito que ainda não tenha aparecido, no meio espírita, um filósofo que possa fazer face à Academia. Nós temos encontrado muitos estudiosos da filosofia do movimento espírita que têm feito bons trabalhos, mas esses trabalhos não têm alcançado a Academia. Então, é muito importante, para que a Academia aceite, e quem lida com a Universidade sabe disso, os trabalhos sejam divulgados em revistas especializadas, publicados em veículos especializados, academicamente especializados... Eu não posso publicar um trabalho num jornal espírita, de circulação no meio dos espíritas, e querer que a Academia leia o jornal espírita para estudar os nossos filósofos. É muito importante que se saiba disso.

Conheço, no Brasil, vários professores de Filosofia que, como indivíduos – não como instituição –, colocam obras como as Deolindo Amorim, que foi um notável filósofo espírita brasileiro, na pauta dos seus estudos, pela grandeza das reflexões, pela grandeza dos seus estudos. Mas isso é uma iniciativa do professor. O professor tem liberdade de fazer essas abordagens dentro da sua disciplina. Mas se eu estou a lidar com um professor de Filosofia ateu, ou materialista, ele não vai ver a mínima graça nos textos da Doutrina Espírita. São fenómenos com que nós precisamos de aprender.

Às vezes eu noto, por parte de muitos espíritas, uma certa ansiedade, uma certa sofreguidão, para que o Espiritismo seja reconhecido pela Academia, pela Universidade. Isso demonstra que nós não temos muita confiança no Espiritismo como ele é. Nós precisamos que ele esteja coroado pela Academia. Não deixa de ser uma certa vaidade que a gente alimenta. Deixem o Espiritismo ser o Espiritismo. Deixem a Academia chegar até lá. Se a Academia não aceita Deus, como é que a gente quer que aceite o Espiritismo?!

B.E.: Ainda relativamente à Ciência, considera que está provada a imortalidade da alma, a reencarnação e a comunicabilidade dos Espíritos? Ou o que existe são apenas indícios que sustentam uma teoria que ainda não foi validada por falta de evidências?

R.T.: Como homem da Ciência, eu não diria que, para a Ciência, está provado. A Ciência não provou nada disto. Nós temos trabalhos científicos, feitos por indivíduos científicos, mas que não foram chancelados pela Ciência, por esse corpo internacional de pensamento científico. Então nós dizemos que determinadas coisas como a reencarnação, como a mediunidade, de que nós falamos tanto na Doutrina Espírita, no nosso meio, têm demonstrações, têm evidências bastante fortes demonstradas por homens da Ciência, homens respeitáveis, homens de notório saber.

Nós temos estudos sobre a reencarnação realizados durante mais de quarenta anos pelo Dr. Ian Stevenson na Universidade de Virgínia nos Estados Unidos. Ele era o chefe do Departamento de Psiquiatria da Universidade de Virgínia. Tem livros publicados a granel na Universidade. Tive acesso a vários livros dele publicados em inglês que ainda não chegaram à língua portuguesa sobre as pesquisas que ele realizou em vários países do mundo sobre a reencarnação. Mas esses são estudos de Ian Stevenson que nunca foram chancelados pela grande Ciência, pela Ciência internacional, pela voz da Ciência. Então devemos dizer assim «A reencarnação está demonstrada por Ian Stenvenson mas não pela Ciência». Essa é a diferença que nós temos que fazer. Quando estudamos essas coisas, temos de ter o cuidado de não misturar a Ciência com o cientista. Há trabalhos que foram bem desenvolvidos, cientificamente desenvolvidos, por cientistas, mas que não foram chancelados pela Ciência.

O trabalho em torno da Parapsicologia que foi desenvolvido por Joseph Banks Rhine, entre 1927 e 1930, foi realizado na Universidade de Duke, nos Estados Unidos, com verba da universidade, com verba pública. O Dr. Banks Rhine não conseguiu que a comunidade científica apoiasse seus estudos! É um estudo científico que Rhine fez, demonstrando várias funções da mente, a telepatia, a clarividência e vários outros fenômenos, que a equipa de cientistas da primeira linha e que a Academia, até hoje, ainda não chancelou. Por isso não se estuda Parapsicologia nas universidades e nas escolas, porque não foi chancelado pela comunidade científica.

Então, nós, os espíritas, temos de ter a lucidez de não misturar o cientista com a Ciência. Não saímos por aí dizendo, às vezes até da tribuna, que a Ciência provou a imortalidade, que a Ciência provou a reencarnação, que a Ciência provou seja o que for, porque é uma inverdade. Allan Kardec já dizia, n' *O Livro dos Médiuns*, que a Ciência não está aparelhada para opinar acerca do Espiritismo. Nem contra, nem a favor. Por uma razão muito lógica: Kardec diz-nos, no mesmo *Livro dos Médiuns*, que, para que alguém se torne espírita, deverá primeiro tornar-se espiritualista. Para que aceite o Espiritismo, primeiro terá que aceitar o espiritualismo! Para uma ciência formal, atea e imaterialista, como é que nós vamos querer que ela demonstre coisas do

espírito se ela não aceita a existência do espírito?! Então nós, repito, não deveremos ter essa ansiedade, porque estaremos a *vender* o Espiritismo muito barato. Deixem que a Ciência, a pouco e pouco, demonstre os elementos que se ajustam ao Espiritismo, que se encontram com os argumentos da Doutrina Espírita. Não fiquemos a forçar situações, como se o Espiritismo só se tornasse importante depois que a Ciência o provasse. Para muita gente é isso: a vaidade humana de achar que só a voz da Ciência é a voz responsável pela verdade neste mundo... e não é real.

B.E.: Muitas pessoas, quando colocam em causa a Doutrina Espírita, vão precisamente por aí, pela questão da Ciência. E ao nosso blogue, quando tentamos dilucidar conceitos, chegam, por vezes, frases como, por exemplo, as seguintes:

«Os senhores podem acreditar no que quiserem – não podem é esperar com as Igrejas cristãs ou os cientistas vos apoiem – e melhor seria que, não tendo argumentos científicos NENHUNS, se limitassem as vossos locais de trabalho ou de sessões espíritas.»

«Deixem a ciência em paz. Não há provas ou evidências científicas a sugerir a existência de tais fenómenos. Ao fazê-lo estão a transformar-se numa pseudociência.»

Quando recebemos este tipo de contestação, remetemos para alguns estudos, mas notamos muita resistência. Quer comentar?

R.T.: Uma vez que vocês estão diante de um veículo público, como é um blogue, vão encontrar opiniões de todos os calibres. De pessoas mais dignas, mais lúcidas e mais respeitáveis... e de pessoas estúpidas, tolas, parvas. Todos têm acesso. Se vocês apresentam a documentação do cientista fulano, do cientista beltrano... Não pedimos misericórdia para com o Espiritismo! É isso que eu quero deixar claro! Os grandes responsáveis por este tipo de argumentação somos nós, os espíritas, que vivemos de pires na mão atrás da Ciência. Nós não precisamos disso. Apresentamos os nossos argumentos. Agora, ninguém pode dizer que temos de nos restringir ao Centro Espírita, porque nenhuma Igreja se restringe às suas paredes.

Nós ouvimos os católicos romanos e os evangélicos falarem alhos e bugalhos e nunca ninguém lhes pediu provas científicas. Jamais alguém pediu uma prova científica de que existe o corpo de Deus presente na hóstia. Ninguém pediu uma prova científica de que existe a transubstanciação, de que o vinho se converte em sangue de Cristo!... é tudo simbologia que jamais ninguém provou. Ninguém jamais provou se as crianças viram de facto Nossa Senhora, em Lourdes ou em Fátima. Ninguém jamais provou coisa nenhuma! E toda a gente aceita. É uma religião grande no mundo. Ninguém diz que a Igreja Católica tem de ficar presa às suas igrejas e

aos seus fiéis. Ou que as igrejas evangélicas, transformadas, reformadas, tenham de ficar presas às suas Bíblias, às suas igrejas e comunidades.

Nós temos o mesmo direito de opinião, de falar alto, de publicar no blogue... que todos têm. Essas são posições das criaturas que não sustentam o próprio equilíbrio emocional. Nós temos que viver numa sociedade plural. Toda a gente tem o direito de falar o que quiser e toda a gente tem a obrigação de ouvir se quer falar. Então, vocês não tenham nenhum temor de expor a Doutrina.

Agora, vamos sossegar essa ansiedade de querer colocar, pela goela da Ciência, o pensamento espírita. É por causa dessa ansiedade de muitos espíritas que nós ouvimos as gracinhas de muita gente intolerante. Mas se nós vivermos e pautarmos o Espiritismo conforme o que tem que ser, dizer as suas verdades, então nós vamos cativando as pessoas pela sua lógica, que é uma lógica científica. O Espiritismo é científico, não porque ele esteja concorrendo com as outras ciências, mas sim pela forma como nos leva a pensar. Assim se entende o bom-senso a que Kardec se referia: «A fé inabalável é somente aquela capaz de encarar, face a face, a razão em qualquer época da humanidade».

B.E.:Raul Teixeira, agradecemos imenso o tempo e as palavras que nos dispensou. Para finalizar, gostaria de deixar uma mensagem final para o nosso blogue, o *Blog de Espiritismo*?

R.T.: Este é um momento de muita confusão mental no mundo. As verdades foram destronadas e todos aqueles que passaram a empunhar archotes de verdades estão a ser derrubados um após outro, porque foram verdades alicerçadas em cima de *achismos*, de teorismos... Quando o Espiritismo apresenta a sua fenomenologia, desbanca o teorismo e demonstra as coisas criou um reboliço muito grande, uma efervescência muito grande e um ódio mortal ao Espiritismo, porque não se consegue destruir o espírito. Procura-se calar os espíritas: não se lhes dá televisão, não se lhes dá rádio, não se lhes dá jornal, não se lhes oferece oportunidade nenhuma... mas não se calam os espíritos. Os espíritos falam no meio dos católicos, no meio dos evangélicos, falam nos filmes, na televisão, falam nas músicas, na arte... não se cala essa mensagem. Isso causa, certamente, um tormento muito grande a quem gostaria de ver a humanidade cada vez mais materialista, cada vez mais niilista, para que se desesperasse, consumisse. No entanto, a proposta do Espiritismo é libertadora e chamar a atenção de todos nós para esse momento grave que estamos passando. Calam-se as pessoas mas não se calam os espíritos. Calam-se as pedras congeladas mas não a água que escorre para onde quiser.

Deste modo, gostaria de dizer a todos estes nossos amigos para que vivêssemos este momento da Terra com essa felicidade de quem foi chamado a contribuir neste momento

ciclópico do mundo com a sua inteligência, com a sua lucidez, com o seu bom-senso. Que possamos abrir mão dessas querelas, dessas briguinhas, dessas tolices de funcionar como se nós fôssemos títeres das trevas, fazendo brigas aqui, criando contendas acolá, como todos os homens sempre fizeram ao longo do mundo.

No ano 2000, quando se realizou, em Nova Iorque, o encontro de líderes religiosos, o então secretário da ONU, o Dr. Kofi Annan, disse que noventa e cinco por cento das guerras produzidas em todo o mundo, em todos os tempos, foram produzidas por religiões e por religiosos! Isso é alguma coisa maltratante para quem é honestamente religioso!... Mas temos que convir que ao longo dos séculos a criatura humana tem uma ideia muito distorcida do que vem a ser religião, do que vem a ser Deus, Cristo, Jesus, fé... Isto mostra o porquê de tantas guerras, o porquê de tantos embates em nome da fé e em nome da religião. Isto tem desacreditado a religião. Isto tem desacreditado a fé mesmo dentro dos nossos arraiais espíritas onde encontramos tanta gente a querer tirar do Espiritismo esse carácter religioso, por não tendo entendido que é apagá-lo. Deste modo, começamos a ver as dificuldades deste momento. Ao invés de nos enlaçarmos nessa loucura, perguntemo-nos sobre o que nos cabe fazer enquanto indivíduos espíritas, o que nos cabe fazer enquanto crentes em Cristo... ou no que for: crentes em Buda, crentes em Maomé... crentes no Bem, afinal de contas!... O que nos cabe fazer no mundo de hoje? Continuarmos a segurar armas, a nos bater, a trocar espadachins, espadas e baionetas?! ... Ou unirmo-nos debaixo desse toldo do Amor que Jesus Cristo veio exemplificar no mundo?

O Espiritismo propõe-nos Amor e Instrução. Quanto mais nós nos instruímos, mais lúcidos ficamos... e quanto mais amamos mais próximos chegamos uns dos outros. Aproveitando que nos estamos a aproximar das datas natalícias, quando todos aqueles que vibram na faixa de Jesus Cristo pensam no Natal, gostaria de saudar a todos esses que sintonizam connosco neste momento, nestes tempos, nestes dias, e dizer que não percam de vista a grande honra que estamos a ter de viver na Terra conturbada nessas horas, com esse estandarte na mão, que é o conhecimento espírita. Não vamos brigar com ninguém, indispor-mo-nos com ninguém. Vamos honrar o conhecimento espírita, falando bem alto do Espiritismo mas, muito além disso, vivenciando esse Espiritismo, que está muito negligenciado pelos próprios espíritas.